

Havia uma Rainha [There was a Queen]*

William Faulkner**

Tradução: Sueli Cavendish***
Universidade Federal de Pernambuco

Nota

O conto *Havia uma Rainha* [There was a Queen], de Faulkner, passou por diversas versões. A primeira, intitulada "Through the Window" (Pela Janela), retornou a Faulkner, vindo de Scribner's, em 1929, com a seguinte anotação: "mais próxima de ser publicada que qualquer uma outra de suas peças curtas". A segunda versão foi chamada de "*An Empress Passed*", jogando com o duplo sentido entre passar e morrer. A terceira, ganhou o título atual e foi publicada em 1933 por Scribner's. Depois disso, Faulkner a incluiu em *Dr. Martino e Outras Histórias* (1934), pela *Random House* e como a décima história na seção "The Middle Ground" (Território do Meio) da *Collected Stories*, originalmente publicada em 1950.

Elnora entrou no quintal, saindo da sua cabana. Na longa tarde a imensa casa quadrada, seus arredores, estendiam-se sonolentos, como se assim tivessem ficado por quase cem anos, desde que John Sartoris havia chegado das Carolinas e a construíra. E ele havia morrido nela e seu filho Bayard morrera nela, e o filho de Bayard John e o filho de John, Bayard

* Recebido em 11 de novembro de 2007. Aprovado em 23 de dezembro de 2007.

** **William Cuthbert Faulkner** (1897-1962), considerado um dos mais importantes escritores americanos do século XX, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1954, o National Book Awards em 1951, e venceu dois prêmios Pulitzer: o primeiro, em 1955; o derradeiro, em 1962.

*** Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, é tradutora e professora Adjunta de Literaturas de Língua Inglesa no Departamento de Letras e na Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

por sua vez havia sido enterrado nela embora o último Bayard não tivesse morrido ali.

‘Assim a paz era agora a paz de mulheres. Enquanto Elnora atravessava o quintal em direção à porta da cozinha lembrou-se de como há dez anos nessa mesma hora o velho Bayard, que era seu meio-irmão (embora possivelmente mas não provavelmente algum deles o soubesse, incluindo o pai de Bayard), caminharia com estrondo de um lado a outro do alpendre, gritando na direção do estábulo por seus negros e sua mula encilhada. Mas ele estava morto agora, e seu neto Bayard também estava morto aos vinte e seis anos, e os homens Negros se haviam ido: Simon, o marido da mãe de Elnora, também ao cemitério, e Caspey, o marido de Elnora, à penitenciária por roubo, e Joby, seu filho, a Memphis para vestir-se em finos trajes na rua Beale. Assim restaram na casa somente a primeira irmã de John Sartoris, Virginia, que contava noventa anos e que vivia numa cadeira de rodas ao lado de uma janela por cima do jardim de flores, e Narcissa, a jovem viúva de Bayard, e seu filho. Virginia Du Pré tinha vindo para o Mississipe em '69, a derradeira da família da Carolina, trazendo com ela as roupas que envergava e uma cesta contendo algumas vidraças de cristal colorido de uma janela da Carolina e umas estacas de flores para replantio e duas garrafas de vinho do porto. Tinha visto o irmão morrer e depois o sobrinho e depois o sobrinho neto e depois os dois sobrinhos bisnetos, e agora vivia na casa despovoada com a mulher de seu sobrinho bisneto e seu filho, Benbow, a quem teimava em chamar de Johnny em homenagem ao tio, que fora morto na França. E quanto aos Negros havia Elnora, que cozinhava, e seu filho Isom que cuidava do terreno, e sua filha Saddy que dormia num estrado ao lado da cama de Virginia Du Pré e cuidava dela como se ela fosse um bebê.

Mas não havia problema. “Posso tomar conta dela,” Elnora pensou, atravessando o quintal. “Não preciso de nenhuma ajuda,” disse alto, para ninguém — uma mulher alta, cor de café, com uma cabeça pequena, alta, distinta. “Porque é um trabalho para os Sartoris. O Coronel sabia disso quando morreu e me disse para cuidar dela. Me disse. Nada de nenhum estranho da cidade”. Ela pensava no que a havia levado à casa uma hora antes do que era necessário. Acontece que, enquanto ocupada na cabana, tinha visto Narcissa, jovem esposa de Bayard, e o menino de dez anos atravessarem o pasto no meio da tarde. Ela tinha vindo até à porta e os observara — o menino e a mulher alta vestida de branco atravessando a tarde quente, atravessando o pasto em declive em direção ao arroio. Não se perguntara para onde eles estavam se dirigindo, nem por que, como uma mulher branca se perguntaria. Mas ela era metade negra, e apenas observava a mulher branca com aquela expressão de calmo e grave desdém com a qual contemplava ou

escutava as ordens da mulher do herdeiro da casa mesmo enquanto ele estava vivo. Assim como ouvira dois dias atrás quando Narcissa a havia informado que iria a Memphis por um dia ou dois e que Elnora teria de tomar conta da velha tia sozinha. “Como se eu não tivesse sempre feito isso”, Elnora pensou. “Você fez muito pouco por todo mundo desde que chegou aqui. Nunca precisamos de você. Nunca pense nisso.” Mas ela não disse isso. Apenas pensou, e ajudou Narcissa a preparar-se para a viagem e olhou a carruagem se afastar para a cidade e a estação sem comentários. “E você nem precisa voltar”, pensou, vendo a carruagem desaparecer. Mas esta manhã Narcissa tinha retornado, sem oferecer nenhuma explicação para a jornada súbita ou o súbito retorno e no começo da tarde Elnora da porta de sua choupana tinha visto a mulher e o menino atravessarem o pasto na abrasante luminosidade de junho.

“Bem, é da conta dela pra onde ela vai”, Elnora disse alto, subindo os degraus da cozinha. “Como é da conta dela porque ela foi pra Memphis, deixando Miss Jenny sentada acolá na sua cadeira sem ninguém a não ser os negros para tomarem conta dela”, acrescentou, alto ainda, com uma inconsistência refletida. “Não me admira que ela tenha ido. Só me admira que ela tenha voltado. Não. Nem mesmo isso. Ela não vai largar esse lugar, agora que fincou os pés aqui”. Então disse calmamente, em voz alta, sem rancor, sem emoção: “Lixo branco. Lixo da cidade”.

Ela entrou na cozinha. Sua filha Sadies sentava-se à mesa, comendo de um prato de nabos frios e folheava uma revista de modas gasta e manchada. “O que você está fazendo aqui? Ela disse. “Por que você não tá lá onde pode ouvir Miss Jenny se ela chamar?”

“Miss Jenny num precisa de nada”, Sadies disse. “Tá lá sentada perto da janela”.

“Onde a senhora Narcissa foi?”

“Eu num sei não senhora”, Sadies disse. “Ela e Bory saíram pra algum lugar. Num voltaram ainda.”

Elnora resmungou. Seus sapatos não estavam amarrados e ela descalçou-os em dois tempos e saiu da cozinha e entrou na quieta sala de teto alto cheia dos aromas do jardim e dos sonolentos e miríades sons da tarde de junho, até a porta aberta da biblioteca. Ao lado da janela (o caixilho estava erguido agora, com suas bordas estreitas de cristal colorido da Carolina que no inverno emolduravam sua cabeça e busto como num retrato pendurado) uma velha sentava-se a uma cadeira de rodas. Sentava-se ereta; uma mulher magra e espigada com um nariz delicado e um cabelo da cor de uma parede caiada. Nos seus ombros um xale de lã branca, um xale menos alvo que o seu cabelo contra o vestido negro. Estava olhando pela janela; de perfil sua face estava erguida,

imóvel. Quando Elnora entrou ela voltou a cabeça e olhou para a Negra com uma expressão imediata e interrogativa.

“Eles não entraram pela porta dos fundos, entraram?” disse.

“Não senhora”, Elnora disse. Ela aproximou-se da cadeira.

A velha olhou pela janela novamente. “Devo dizer que não compreendo isso de modo algum. Miss Narcissa anda zanzando por aí um bocado de uma hora pra outra”.

Elnora veio até a cadeira. “Uma boa peça”, ela disse em sua voz fria e calma, “para uma mulher preguiçosa que nem ela”.

“Dando pra --” a velha disse. Ela cessou. “Você pare de falar dessa maneira a respeito dela”.

“Eu num disse nada mais que a verdade”, Elnora disse.

“Então guarde para si mesma. Ela é a mulher de Bayard. Uma Sartoris, agora.”

“Ela não será nunca uma Sartoris”, Elnora disse.

A outra estava olhando para fora da janela. “Dando de uma hora pra outra pra sair para Memphis há dois dias para passar duas noites, que nunca passou uma única noite afastada daquele menino desde que ele nasceu. Deixando-o por duas noites inteiras, sem dar nenhuma explicação, e então vindo pra casa e levando-o a caminhar na mata em pleno dia. Não que ele sentisse sua falta. Você acha que ele sentiu falta dela enquanto ela esteve fora?”.

“Não, senhora”, Elnora disse. “Nenhum homem da família Sartoris nunca sentiu falta de ninguém”.

“Claro que não sentiu”. A velha olhava para fora da janela. Elnora postava-se um pouco atrás da cadeira. “Eles atravessaram o pasto?”

“Num sei. Eles sumiram no horizonte, andando sem parar. No caminho do arroio”.

“No caminho do arroio? E para que, nesse mundo de Deus?”

Elnora não respondeu. Estava de pé um pouco atrás da cadeira, ereta, imóvel como uma índia. A tarde prosseguia. O sol caía agora sobre o jardim por sob a janela, e logo a gardênia do jardim começou a cheirar com a tarde, entrando na sala em ondas vagarosas quase palpáveis; densa, doce, dulcíssima. As duas mulheres estavam imóveis na janela: uma inclinando-se um pouco à frente na cadeira de rodas, a Negra um pouco atrás da cadeira, também imóvel e ereta como uma cariátide.

A luz no jardim começava a tornar-se cor de bronze quando a mulher e o menino entraram no jardim e aproximaram-se da casa. A velha na cadeira inclinou-se subitamente à frente. A Elnora parecia que a velha na cadeira de rodas havia naquele movimento libertado seu desamparado corpo como um pássaro e atravessava o jardim para encontrar a criança; movendo-se também um pouco à frente Elnora

podia ver na face da outra uma expressão afetuosa, imediata e distraída. Então os dois já tinham atravessado o jardim e haviam quase alcançado a casa quando a velha súbita e bruscamente aprumou-se. “Nossa, como estão molhados!” ela disse. “Olhe as suas roupas. Estiveram dentro do arroio vestidos!”

“Acho que é melhor eu ir e começar a aprontar a ceia”, Elnora disse.

II

Na cozinha Elnora preparou a alface e os tomates, e fatiou o pão (não um pão de milho de verdade, nem mesmo umas broas) que a mulher cujo próprio nome ela não pronunciava a menos que fosse absolutamente necessário, a ensinara a preparar. Isom e Saddle sentavam-se em duas cadeiras contra a parede. “Não tenho nada contra ela”, Elnora disse. Eu negra e ela branca. Mas meus filhos negros têm melhor sangue do que ela. Melhor comportamento”.

“Você e Miss Jenny pensam que ninguém nunca nasceu depois de Miss Jenny”, Isom disse.

“Quem nasceu?” Elnora disse.

“Miss Jenny se dá bem com Miss Narcissa”, Isom disse. “Penso comigo que é ela que tem que dizer. Nunca que ouvi ela falar nada sobre isso.”

“Porque Miss Jenny é qualidade”, Elnora disse. “É por isso. E isso é uma coisa da qual você num sabe nada, porque você nasceu muito tarde pra ver, exceto nela”.

“Penso comigo que Miss Narcissa é de qualidade tão boa quanto qualquer um”, Isom disse. “Não vejo nenhuma diferença”.

Elnora afastou-se de repente da mesa. Isom também saltou e tirou a cadeira do caminho da mãe. Mas ela foi apenas ao armário e tirou uma travessa e voltou à mesa, aos tomates “Nascer Sartoris ou nascer com qualidade de qualquer tipo não é *é*, é *faz*”. Ela falava com voz uniforme e sem inflexões por sobre suas mãos flexíveis, pardas, hábeis. Quando falava das duas mulheres usava “ela” indiscriminadamente, pondo uma inflexão mínima naquele “ela’ que se referia a Miss Jenny. “Veio de lá até aqui Sozinha com o campo ainda cheio de Ianques”. Desde a Carolina, com Seu pessoal todo assassinado e morto exceto o velho Marse¹ John, e ele a duas milhas de distância no Mississipe —“

“É mais de duzentas milhas daqui até a Carolina”, Isom disse. “Aprendi isso na escola. É perto de duas mil”.

¹ Master, Senhor. (TOWNER, Theresa M.; CAROTHERS, James B. 2006. Reading Faulkner Collected Stories. Jackson, University Press of Mississippi, p. 388.)

As mãos de Elnora não cessaram. Ela parecia não tê-lo escutado. “Com os Ianques que mataram Seu pai e Seu marido e atearam fogo à casa da Carolina na frente Dela e de Sua mãe, e Ela veio o tempo todo inteiramente Só para o Mississipe, para o único parente que Lhe restou. Chegando aqui no pior do inverno sem nada nesse mundo de Deus senão uma cesta com algumas sementes de flores e duas garrafas de vinho e as vidraças coloridas que Marse John colocou na janela da biblioteca para que Ela pudesse olhar através dela como se estivesse na Cah-lina. Chegando aqui na penumbra do Dia de Natal e o velho Marse John e as crianças e minha mãe esperando no alpendre e Ela sentada de cabeça erguida no vagão esperando que o velho Marse John pusesse Ela no chão. Eles nem se beijaram, então, ali onde o povaréu todo podiam vê-los. O velho Marse John só disse, ‘Bem, Jenny’ e ela só disse, ‘Bem, Johnny’, e eles entraram na casa, ele levando Ela pela mão, até que estavam dentro de casa onde os outros não podiam espiar. Então Ela começou a chorar, e o velho Marse John abraçando Ela, depois das benditas quatro mil milhas —”

“Não é quatro mil milhas daqui até a Carolina”, Isom disse. Num é mais que duzentas mil. O que o livro da escola diz.”

Elnora não prestou atenção a ele de modo algum; suas mãos não cessavam. “Tomou conta Dela de verdade, o choro. ‘É porque não estou acostumada a chorar’, ela disse. ‘Perdi o costume. Eu nunca tive tempo. Até que os malditos Ianques’, ela disse. ‘Os malditos Ianques’”. Elnora moveu-se novamente, até o armário. Era como se saísse do som da sua voz movendo-se nos seus pés descalços e silenciosos, deixando-o a encher a cozinha silenciosa embora a voz mesma tivesse cessado. Ela tirou outra travessa e voltou à mesa, as mãos de novo ocupadas entre os tomates e a alface, a comida que ela mesma não podia comer. “E é desse jeito que ela”(ela estava agora falando de Narcissa; os dois Negros sabiam) “pensa que pode inventar de ir pra Memphis e folgar, e deixar Ela sozinha nesta casa por duas noites sem ninguém a não ser os negros para tomar conta Dela. Vem morar debaixo de um teto Sartoris e come da comida Sartoris por dez anos, e então inventa de ir pra Memphis que nem uma negra numa excursão, sem nem mesmo dizer onde tava indo”.

“Pensei que você tinha dito que Miss Jenny nunca precisou de ninguém que não fosse você pra tomar conta dela”, Isom disse. Pensei que você tinha dito ontem que não se importava se ela voltasse ou não”.

Elnora produziu um som, áspero, depreciativo, baixo. “Ela não voltar? Quando pelejou por cinco anos pra conseguir casar com Bayard? Cochichando no ouvido de Miss Jenny o tempo todo que Bayard passou fora naquela guerra? Eu tava de olho nela. Vindo aqui duas ou três vezes por semana, com Miss Jenny pensando que ela só tava vindo visitar porque era de qualidade. Mas eu sabia. Eu sabia o que ela queria o tempo

todo. Porque eu conheço lixo. Sei como o lixo vai enganando a qualidade. A qualidade não pode ver, porque é qualidade. Mas eu posso”.

“Então Bory deve ser lixo, também”, Isom disse.

Elnora agora se voltou. Mas Isom já tinha saído da sua cadeira quando ela falou. “Você cala essa sua boca e se apronta pra servir a ceia”. Ela viu-o aproximar-se da pia e preparar-se para lavar as mãos. Ela então voltou à mesa, suas longas mãos pardas e hábeis entre os tomates rubros e o pálido verde absinto da alface. “Necessidades”, ela disse. “Num é necessidades de Bory e num é necessidades Dela. É necessidades dos mortos. Necessidades do velho Marse John”, e de Cunnel e de Mister John e de Bayard que estão mortos e num podem fazer nada. É aí onde está a necessidade. Isso é o que eu tou falando. E num tem ninguém pra cuidar exceto Ela acolá naquela cadeira, e eu, uma negra, aqui nesta cozinha. Num tenho nada contra ela. Eu só digo pra deixar que qualidade emparelhe com qualidade, e desqualidade do mesmo jeito. Você vista essa jaqueta agora. Isso aqui já está pronto”.

III

Fora o menino quem lhe dissera. Ela inclinava-se à frente na cadeira de rodas e olhava pela janela enquanto a mulher e a criança atravessavam o jardim e saíam do alcance da visão para além do ângulo da casa. Ainda inclinada à frente e olhando para o jardim, ouviu-os entrar na casa e passar pela porta da biblioteca e subir as escadas. Ela não se moveu, nem olhou em direção à porta. Continuou a olhar para o jardim, para os arbustos agora firmes que ela tinha trazido da Carolina como brotos não muito maiores que palitos de fósforo. Tinha sido no jardim que ela e a mulher mais jovem que viria a se casar com o seu sobrinho e a carregar um filho, haviam se conhecido. Isso foi em 1918, e o jovem Bayard e seu irmão John ainda estavam na França. Foi antes de John ser morto, e duas ou três vezes por semana Narcissa vinha da cidade para visitá-la enquanto ela trabalhava entre as flores. “E ela noiva de Bayard o tempo todo e sem me dizer”, a velha pensou. “Mas sempre foi pouco o que ela jamais me disse sobre qualquer coisa”, pensou, olhando para o jardim que começava a encher-se de lusco-fusco e onde não pisava há cinco anos. “Pouco demais sobre qualquer coisa. Às vezes me pergunto como ela conseguiu ficar noiva do Bayard, falando tão pouco. Talvez tenha conseguido por apenas ser, preencher um espaço, como ela conseguiu aquela carta”. Aquilo foi num dia pouco antes de Bayard voltar para casa. Narcissa veio e ficou por duas horas, então pouco antes de partir ela mostrou a carta. Era anônima e obscena; parecia alucinada e na época ela tinha tentado fazer com que Narcissa a deixasse mostrar a carta ao avô de Bayard e levá-lo a fazer algum esforço

para encontrar o homem e puni-lo, mas Narcissa recusou. “Vou apenas queimá-la e esquecer”, Narcissa disse. “Bem, isso é problema seu”, a mulher mais velha disse. “Mas isso não deveria ser permitido. Uma dama não deveria ficar à mercê de um homem como esses, mesmo que pelo correio. Qualquer cavalheiro saberá disso, tomará providências. Além disso, se você não fizer alguma coisa, ele vai lhe escrever de novo”. “Então eu a mostrarei ao Coronel Sartoris”, Narcissa disse. Ela era órfã, seu irmão também na França. “Mas você não vê que não posso deixar nenhum homem saber que alguém pensou tais coisas sobre mim”. “Bem eu preferiria deixar o mundo inteiro saber que alguém pensou aquilo a meu respeito uma vez e foi chicoteado por isso, do que deixá-lo continuar pensando dessa forma sobre mim, sem punição. Mas é problema seu”. “Vou apenas queimá-la e esquecê-la”, Narcissa disse. Então Bayard voltou, e pouco depois ele e Narcissa estavam casados e Narcissa veio para a casa para morar. Então ela ficou grávida e antes da criança nascer Bayard foi morto em um avião, e seu avô, Bayard estava morto e a criança nasceu, e se passaram dois anos antes que ela pensasse em perguntar à sobrinha se outras cartas haviam chegado; e Narcissa respondeu que não.

Assim viviam calmamente, então, suas vidas de mulheres na casa grande sem homens. De vez em quando ela insistia com Narcissa para que casasse de novo. Mas a outra recusava, calmamente, e assim viveram por anos, as duas e a criança a quem ela persistia em chamar pelo nome do tio morto. Então uma noite uma semana atrás, Narcissa teve um convidado para a ceia; quando ela soube que o convidado seria um homem, ficou sentada calmamente em sua cadeira por um instante. “Ah”, pensou, calmamente. “Chegou a hora”. Bem. Tinha que chegar; ela é jovem. E viver aqui sozinha com uma velha acamada. Bem. Mas eu não queria que fizesse o que eu fiz. Não esperaria isso dela. Afinal de contas, ela não é uma Sartoris. Não é parente deles, de um bando de fantasmas orgulhosos e tolos”. O convidado chegou. Ela não o avistou até que sua cadeira fosse empurrada até a mesa de jantar. Então viu um homem jovem e calvo, com um rosto inteligente e uma chave da *Phi Beta Kappa*² no relógio. A chave ela não reconheceu, mas soube logo que ele era judeu, e quando ele falou com ela o ultraje dela tornou-se fúria e ela saltou para trás na cadeira como uma cobra em ataque, num movimento forte o bastante para empurrar a cadeira para longe da mesa. “Narcissa”, ela disse, “o que este Ianque está fazendo aqui?”

² A *Phi Beta Kappa Society* é uma sociedade acadêmica de honra, a mais antiga dos Estados Unidos, com a missão de “promover e reconhecer a excelência”. Foi fundada em 1776.

Ali estavam, em torno da mesa iluminada por velas, as três pessoas hirtas. O homem falou: "Madame", ele disse "nenhum Yanque teria sobrevivido se o seu sexo tivesse lutado nos campos contra nós".

"Você não tem de me dizer isso, jovem", ela disse. "Você pode agradecer à sua boa estrela que tenham sido apenas homens aqueles com quem seu avô lutou". Então tinha chamado Isom e sozinha se afastara da mesa, sem nada comer. E mesmo no seu quarto de dormir não deixou ninguém acender a luz, e recusou a bandeja que Narcissa lhe enviou. Ficou sentada ao lado da janela escura até que o estranho se foi.

Então três dias mais tarde Narcissa fez a súbita e misteriosa viagem para Memphis e ficou lá por duas noites, ela que jamais se havia separado do filho uma noite sequer desde que ele nascera. Havia ido sem explicação e voltara sem explicação, e agora a velha acabara de vê-la e ao menino atravessarem o jardim, as roupas ainda encharcadas, como se tivessem estado no arroio.

Foi o menino quem lhe disse. Ele veio até o quarto em roupas secas, o cabelo ainda úmido, embora bem penteado agora. Ela não disse uma palavra enquanto ele entrava e se aproximava da cadeira. "Estivemos no arroio", ele disse. "Mas não nadando. Só sentados na água. Ela queria que eu lhe mostrasse o poço de nadar. Mas não nadamos. Eu não acho que ela saiba. Só sentamos na água vestidos com nossas roupas. A tarde inteira. Ela queria fazer isso".

"Ah", a velha disse. "Oh. Bem. Deve ter sido divertido. Ela vai descer logo?"

"Sim, senhora. Quando ela se vestir".

"Bem.... você tem tempo de ficar lá fora por uns instantes antes da ceia, se quiser."

"Prefiro ficar aqui com você, se você quiser."

"Não. Você vai lá fora. Eu fico bem aqui até que Saddie venha."

"Está bem". Ele saiu do quarto.

A janela lentamente desvaneceu enquanto o sol se punha. A cabeça prateada da velha também desvaneceu, como algo imóvel sobre um aparador. As vidraças coloridas e esparsas que emolduravam a janela sonhavam, ricas e mudas. Ela sentava-se ali calmamente, e no instante ouviu a mulher do sobrinho descer as escadas. Calmamente sentada, vigiando a porta, até que a jovem entrou.

Estava de branco: uma mulher alta de trinta e poucos anos, no meio da obscuridade algo nela daquela qualidade heróica da estatuária. "Quer que acenda a luz?", disse.

"Não", a velha disse. "Não. Ainda não". Sentava-se ereta na cadeira de rodas, imóvel, olhando a jovem atravessar a sala, o vestido branco ondulando levemente, heróica, como uma cariátide da fachada de um templo que se tornasse viva. Ela sentou-se.

“Foram aqueles deixados –” ela disse.

“Espere”, a velha disse. “Antes de você começar. O jasmim. Pode senti-lo?”

“Sim. Foram aqueles –”

“Espere. Começa sempre nessa hora do dia. Está fazendo cinquenta e sete anos neste verão que começa sempre nessa hora de um dia de junho. Eu as trouxe da Carolina, numa cesta. Lembro-me como naquele primeiro mês de março eu fiquei sentada uma noite inteira, queimando jornais em torno das raízes. Sente o cheiro?”

“Sim”.

“Se é casamento, eu já disse. Disse-lhe há cinco anos que não lhe culpava. Uma jovem, uma viúva. Mesmo que você tenha um filho, disse-lhe que um filho não seria o bastante. Disse que não lhe culparia por não fazer como eu fiz. Não disse?”

“Sim. Mas não chega a esse ponto”.

“Não? A que ponto?” A velha sentava-se ereta, a cabeça um pouco para trás, o rosto fino sumindo no lusco fusco com uma qualidade profunda. “Não vou lhe culpar. Eu já disse. Você não tem que me levar em consideração. Minha vida já se foi; preciso de pouco; nada que os Negros não possam fazer. Não se preocupe comigo, está me ouvindo?” A outra nada dizia, imóvel também, serena; suas vozes pareciam materializar-se na penumbra entre elas, sem originar-se de quaisquer das bocas, nem da face calma nem da face esmaecida. “Você terá de me contar, então”, a velha disse.

“Foram aquelas cartas. Há treze anos: não lembra? Antes de Bayard voltar da França, antes mesmo de você saber que estávamos noivos. Eu lhe mostrei uma delas e você queria entregá-la ao Coronel Sartoris e deixá-lo descobrir quem a enviara e eu não queria e você disse que nenhuma dama permitir-se-ia receber cartas de amor anônimas, não importa o quanto ela o desejasse”.

“Sim. Eu disse que era melhor que o mundo soubesse que uma dama tinha recebido uma carta como aquela, do que ter um homem em segredo pensando tais coisas a respeito dela, sem punição. Você me disse que a tinha queimado”.

“Eu menti. Eu guardei. E recebi mais dez. Não lhe disse por causa do que você falou sobre ser uma dama”.

“Ah”, a velha disse.

“Sim. Eu as conservei todas. Pensei que as havia escondido onde ninguém as pudesse encontrar”.

“E você as leu novamente. Você as pegava de vez em quando e as lia novamente”.

“Pensei que as mantinha escondidas. Aí você lembra aquela noite depois que Bayard e eu nos casamos quando alguém arrombou a

nossa casa na cidade; a mesma noite em que aquele contador do banco do Coronel Sartoris roubou aquele dinheiro e fugiu? Na manhã seguinte as cartas tinham desaparecido, e eu soube então quem as tinha enviado”.

“Sim”, a velha disse. Ela não se movera, a cabeça esmaecida como algo inanimado em prata.

“Assim as cartas estavam soltas no mundo. Estavam em algum lugar. Enlouqueci durante um tempo. Pensava nas pessoas, nos homens, lendo-as, vendo não apenas o meu nome nelas, mas as marcas dos meus olhos onde eu as tinha lido tantas vezes. Fiquei desesperada. Quando Bayard e eu estávamos em lua-de-mel, eu estava desesperada. Não podia nem pensar somente nele. Era como se tivesse de dormir com todos os homens do mundo ao mesmo tempo”.

“Então foi há quase doze anos e eu tive Bory, e achei que as havia superado. Acostumei-me a tê-las soltas no mundo. Talvez tivesse começado a pensar que elas haviam desaparecido, destruídas, e eu estava a salvo. De vez em quando me lembrava delas, mas era como se de algum modo Bory estivesse me protegendo, como se eles não pudessem passar por ele para me alcançar”. Como se ficando aqui e sendo boa para Bory e para você — -E então uma tarde, depois de doze anos, aquele homem veio me ver, aquele judeu. O que ficou para a ceia naquela noite”.

“Ah”, a velha disse. “Sim”.

“Ele era um agente federal.³ Eles ainda estavam tentando apanhar o homem que tinha roubado o banco, e o agente tinha deitado mão em minhas cartas. Achou-as onde o guarda-livros as havia perdido ou atirado fora naquela noite em que fugia, e o agente as conservara por doze anos, trabalhando no caso. Finalmente veio ver-me, tentando descobrir o paradeiro do homem, pensando que eu devia saber, uma vez que o homem me havia escrito cartas como aquelas. Você lembra dele: como você o olhou e disse, ‘Narcissa’, quem é este Ianque?”

“Sim. Eu lembro”.

“Aquele homem tinha as minhas cartas. Ele as teve por doze anos. Ele—”

“Teve?” a velha disse. “Teve?”

“Sim. Eu as tenho agora. Ele ainda não as enviara para Washington, assim ninguém as lera além dele. E agora ninguém as lerá novamente”. Ela parou, respirou calmamente, tranqüila. “Você ainda não entende, não é? Ele tinha todas as informações que as cartas poderiam ter-lhe dado, mas teria que entregá-las no Departamento de qualquer jeito e eu pedi a ele que me desse as cartas mas ele disse que teria que

³ Um agente do FBI, que em 1919, através do ato Mann, tinha jurisdição para investigar nos estados crimes contra a moral.

entregá-las e eu perguntei a ele se ele tomaria uma decisão final em Memphis e ele disse por que Memphis e eu lhe disse porque. Eu sabia que não podia comprá-las com dinheiro, você sabe. É por isso que tive que ir a Memphis. Tive toda essa consideração por Bory e por você, para ir a outro lugar qualquer. E isso é tudo. Os homens são todos iguais, com suas idéias sobre o bem e o mal. Tolos". Respirou calmamente. Em seguida bocejou, profundamente, com extrema lassidão. Então parou de bocejar. Olhou novamente para a esmaecida cabeça prateada à sua frente. Você ainda não entendeu? ela disse. Eu tive que fazê-lo. Elas eram minhas; eu tinha que recuperá-las. Essa era a única maneira. Mas eu teria feito mais que isso. Assim eu as tomei. E agora estão queimadas. Ninguém jamais as verá. Porque ele não pode dizer, você sabe. Isso o arruinaria, contar um dia que elas sequer existiram. Podem até mandá-lo para a penitenciária. E agora elas estão queimadas".

"Sim", a velha disse. "E então você voltou pra casa e levou Johnny para que você e ele pudessem sentar-se juntos no arroio, a água corrente. No Jordão. Sim, o Jordão nos fundos de um pasto caipira no Mississipe".

"Eu tinha de recuperá-las. Não entende isso?"

"Sim", a velha disse. "Sim". Ela sentava-se completamente ereta na cadeira de rodas. "Bem, Deus meu. Nós mulheres, pobres e tolas – Johnny!" Sua voz estava aguda, peremptória.

"O que foi" a jovem disse. "Quer alguma coisa?"

"Não", a outra disse. "Chame o Johnny. Quero o meu chapéu". A jovem levantou-se. "Vou buscá-lo".

"Não. Quero que o Johnny o faça".

A jovem ficou olhando para a outra, a velha ereta na cadeira de rodas por sob a esmaecida coroa prateada dos seus cabelos. Então ela saiu do quarto. A velha não se moveu. Sentava-se ali no lusco-fusco até que o menino entrou, trazendo uma pequena touca preta de aparência antiquada. De vez em quando, quando a velha ficava contrariada, eles traziam-lhe o chapéu e ela o colocava exatamente no topo da cabeça e sentava-se ali à janela. Ele levou-lhe a touca. A mãe estava junto dele. A penumbra se fechava agora; a velha estava invisível salvo pelo seu cabelo. "Você quer que acenda a luz agora?" a jovem disse.

"Não", a velha disse. Ela ajeitou a touca no alto da cabeça. "Vocês todos podem ir cear e me deixem descansar por um instante. Vão, todos vocês". Eles obedeceram, deixando-a ali sentada: uma figura esguia, ereta, visível apenas pelo brilho único do seu cabelo, na cadeira de rodas ao lado da janela emoldurada pelos esparsos e defuntos cristais da Carolina.

IV

Desde o aniversário de oito anos do menino, ele ocupara o lugar do seu avô morto à extremidade da mesa. Esta noite todavia sua mãe reordenou as coisas. "Com apenas nós dois", ela disse. "Você vem e senta perto de mim". O menino hesitou. "Por favor. Você vem? Fiquei tão sozinha sem você ontem à noite em Memphis. Você não ficou sozinho sem mim?"

"Eu dormi com a tia Jenny", o menino disse. "Nós nos divertimos".

"Por favor".

"Está bem", ele disse. Sentou na cadeira próxima à dela.

"Mais perto", ela disse. Arrastou a cadeira mais para perto. "Mas nunca mais nós vamos, nunca mais. Vamos? Inclina-se para ele, tomando-lhe a mão".

"O que? Sentar no arroio?"

"Nunca mais nos deixarmos".

"Eu não fiquei sozinho. Nós nos divertimos".

"Prometa. Prometa, Bory". O nome dele era Benbow, o nome de família dela.

"Está bem".

Isom, numa jaqueta de garçom, serviu-os e voltou à cozinha.

"Ela não vem para a ceia?" Elnora disse.

"Não", Isom disse. "Sentada acolá na janela, no escuro. Diz que num quer nenhuma ceia".

Elnora olhou para Saddie. "O que elas tavam fazendo na ultima vez que você foi na biblioteca?"

"Ela e Miss Narcissa conversando".

"Elas inda tavam falando quando eu fui 'nunciar a ceia', Isom disse. "Eu lhe disse isso".

"Eu sei", Elnora disse. Sua voz não estava áspera. Nem estava gentil. Estava apenas peremptória, suave, fria. "O que elas tavam falando?"

"Num sei, não senhora", Isom disse. "Você que me ensinou a não ficar escutando os brancos".

"O que elas estavam falando, Isom?" Elnora disse. Ela olhava para ele, grave, concentrada, impositiva.

"Sobre alguém se casando. Miss Jenny disse 'Eu disse há muito tempo que não ia lhe culpar. Uma jovem como você. Eu quero que você se case. Não fazer que nem eu', isso foi o que ela disse".

"Aposto que ela está se aprontando pra casar, isso sim", Saddie disse.

"Quem casar?" Elnora disse. "Ela casar? Pra quê? Desistir do que ela tem aqui? Isso é que num é. Queria saber o que vem acontecendo

aqui nessa última semana. . . .” Sua voz cessou; ela virou a cabeça para a porta como se estivesse tentando ouvir alguma coisa. Da sala de jantar veio o som da voz da jovem. Mas Elnora parecia escutar alguma coisa para além dali. Então deixou a sala. Não seguiu com pressa, entretanto seus longos e silenciosos passos levavam-na para fora do campo de visão com uma brusquidão semelhante à de uma figura inanimada que se puxa por rodas para fora do palco.

Seguiu calmamente até o hall escuro, passando pela sala de jantar sem ser vista pelas duas pessoas à mesa. Eles sentavam-se próximos um do outro. A mulher estava conversando, inclinando-se para o menino. Elnora prosseguiu sem um som: uma convergência de sombras acima das quais sua face mais clara parecia flutuar sem corpo, o globo ocular fantasmagoricamente branco. Então parou de súbito. Não havia alcançado a porta da biblioteca, entretanto parou, invisível, silenciosa, seus olhos de repente muito luminosos na face quase desaparecida, e começou a cantarolar em débil monotonia: “Oh Senhor; oh Senhor”, em voz baixa. Então se moveu, seguiu num átimo até a porta da biblioteca e olhou para dentro do quarto onde ao lado da janela morta a velha sentava-se imóvel, visível apenas por aquela cintilação única e esmaecida de cabelo branco, como se por noventa anos a vida tivesse escoado vagarosamente por sua frágil e ereta ossatura, até se sustentar por um instante crepuscular em torno de sua cabeça antes de sair, como se a própria vida tivesse cessado. Elnora olhou apenas por um instante para o quarto. Então se voltou e retraiu seus passos ágeis e silenciosos até a porta da sala de jantar. A mulher ainda se inclinava para o menino, falando. Eles não perceberam Elnora de imediato. Ela ficou no umbral, alta, sem tocar as soleiras em nenhum dos lados. Sua face estava vazia; ela não parecia estar olhando ou falando para ninguém.

“É melhor você vir depressa, eu acho”, disse naquela voz suave, fria, peremptória.